



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE FILOSOFIA**

LIGIA MARIA SILVA

**NIETZSCHE: PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS A PARTIR DA
FILOSOFIA SCHOPENHAUERIANA**

CAMPINA GRANDE – PB

2014

LIGIA MARIA SILVA

**NIETZSCHE: PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS A PARTIR DA
FILOSOFIA SCHOPENHAUERIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Kesting

CAMPINA GRANDE – PB

2014

S586n Silva, Ligia Maria
Nietzsche [manuscrito] : perspectivas educacionais a partir da
filosofia schopenhaueriana / Ligia Maria Silva . - 2014.
22 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting, Departamento
de Filosofia".

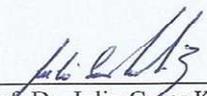
1. Filosofia 2. Filosofia Alemã 3. Educação I. Título.
21. ed. CDD 193

LÍGIA MARIA SILVA

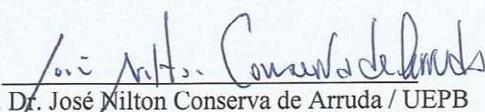
**Nietzsche: perspectivas educacionais a partir da filosofia
schopenhaueriana**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciada em Filosofia.

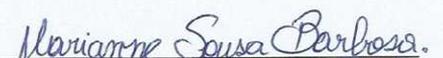
Aprovado em 27/11/2014.



Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Orientador



Prof. Dr. José Milton Conserva de Arruda / UEPB
Examinador



Prof.ª Ma. Marianne Sousa Barbosa / UEPB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter tido essa oportunidade de voltar à sala de aula depois de 26 anos e ter conseguido terminar o curso de Licenciatura em Filosofia no tempo certo.

Ao prof. Dr. Júlio César Kesting por ter dado a ideia de fazer o meu TCC em *Schopenhauer Educador*, após ler um trabalho meu na disciplina *Tópicos Especiais em Existencialismo* e também aceitar ser o meu orientador.

A minha família, meu marido Francisco de Assis, minha filha Maria Gabriela e em especial minha filha Tainah Emmanuele por ter digitado e revisado meus trabalhos, conforme as normas da ABNT, nos últimos quatro anos.

Finalmente agradeço aos professores que aceitaram o convite do prof. Dr. Júlio César Kesting para estarem na minha banca examinadora: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda e Prof^ª. Ms^ª. Marianne Sousa Barbosa.

RESUMO

No texto que se segue almejamos apresentar as perspectivas educacionais a partir da filosofia schopenhaueriana conforme seu discípulo Nietzsche. Ao ler *O Mundo como Vontade e como Representação*, Nietzsche passou a admirar os ensinamentos de Schopenhauer. O texto *Schopenhauer Educador*, pertence à *Terceira Consideração Extemporânea* publicada em 1874, juntamente como a *Segunda Consideração Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Nessa extemporânea Nietzsche discorre sobre o que é uma verdadeira educação, a partir dos ensinamentos de Schopenhauer. Nietzsche acredita que cada indivíduo deva ter um mestre que influencie na educação de si mesmo. No seu caso, esse mestre foi Arthur Schopenhauer. Nietzsche também critica a forma que o Estado age e influencia na educação do indivíduo e na cultura que o cerca, pois acredita que isso irá influenciar como um indivíduo se torna e age perante a sociedade.

Palavras-chave: Nietzsche. Filosofia. Educação.

NIETZSCHE: PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS A PARTIR DA FILOSOFIA SCHOPENHAUERIANA

Introdução

O questionamento de Nietzsche acerca da própria identidade e sua busca por alguém que lhe pudesse servir de modelo como educador começou antes mesmo dele entrar em uma universidade. Em 1858, ao ir para o internato de Pfota, na Alemanha, para ser pastor, ele acreditava que a formação ali oferecida iria fazer dele um homem completo, tanto nos aspectos intelectuais como naqueles físicos. Mas, com o passar do tempo percebeu que a realidade na qual estava inserido se distanciava enormemente dos seus almejos pessoais. Assim, Nietzsche procurou na música e na poesia, uma concepção de educação que não se afastasse da vida, de modo que o conhecimento adquirido pudesse ser utilizado tanto na vida pessoal como na vida profissional.

Apesar das críticas que endereça ao internato, Nietzsche reconhece que recebeu sua formação numa boa escola. Nos seis anos passados ali, adquire toda a sua formação científica e, sobretudo, a sólida base de se saber humanístico. Estuda as línguas grega, latina e hebraica e a literatura da Antiguidade; aprende a se conhecer e a saber para que serve uma boa escola. (DIAS, 2003, p.23).

Nietzsche descobriu Schopenhauer em 1865 com a leitura do livro *O Mundo como Vontade e como Representação*, nesse mesmo período foi nomeado professor em Leipzig. Nesta época,

Nietzsche como educador, não tinha interesse em se tornar um vasculhador de textos antigos, fechado em seu gabinete, nem em criar um círculo de alunos atentos, que seguissem indiferentes à vida que os rodeava. Pretendia isso sim, incentivá-los a um olhar singular sobre determinada ciência, conduzi-los de modo a poderem criar uma humanidade rica e transbordante de vida. (DIAS, 2003, p. 26).

Assim, Nietzsche começou a aplicar em seu método de ensino a forma de pensamento de Schopenhauer e passou a ver as universidades de forma mais crítica. Neste sentido, afirmou:

Com o passar do tempo vejo por mim mesmo o que significa a teoria schopenhaueriana sobre a sabedoria universitária. Não há na universidade lugar para um indivíduo radicalmente autêntico e nada de verdadeiramente revolucionário poderá ter aí seu ponto de partida. Portanto, só seremos verdadeiros *mestres* se usarmos de todas as alavancas possíveis para nos arrancar desta atmosfera e se formos realmente homens e não apenas intelectuais, mas, sobretudo homens superiores. (NIETZSCHE, APUD DIAS, 2003, p. 32).

Por motivos de saúde, como sabemos, abandonou logo em seguida o ensino universitário, e pôde dedicar-se exclusivamente à escrita, tornando-se um verdadeiro mestre, nas mais diferentes áreas, entre as quais destacamos filosofia, literatura, arte e música.

Nas páginas que se seguem analisaremos o texto filosófico nietzscheano *Schopenhauer Educador (Schopenhauer Als Erzieher)*; ele compõe a *Terceira Consideração extemporânea*, publicada em 1874 juntamente com a *Segunda Consideração Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. O filósofo esclareceu mais tarde na parte *As extemporâneas* do escrito *Ecce Homo* que nelas refletiu sobre a temática da educação com a utilização do conceito de autodisciplina. [NIETZSCHE, s/d, p. 444].

Segundo Nietzsche em “Schopenhauer Educador”, uma verdadeira educação possui como pressuposto a iniciativa constante de cada indivíduo na construção de si mesmo. Para isso, há necessidade que se tenha um exemplo, um mestre, um verdadeiro iniciador da educação de si mesmo. Atacando os detentores da cultura, sobretudo o Estado, por entenderem a educação e a cultura como material à aquisição própria, Nietzsche aposta na elevação do ser humano sobre a animalidade, na produção de grandes homens. “O objetivo da

educação e da cultura nietzschianas é a produção contínua, embora esporádica, de gênios e culturas superiores.” [FREZZATTI, 2008, p. 43].

Dividimos nossas reflexões em oito secções, assim como o próprio texto de Nietzsche está dividido. Na primeira secção apresentaremos reflexões acerca da existência e do sentido da vida. Na segunda abordaremos as questões nietzscheanas da necessidade de um mestre para servir de modelo para a própria educação. Em seguida, na terceira secção apresentaremos exemplos da história do pensamento para a educação. Na quarta secção apresentaremos a luta de Nietzsche contra os modelos de educação de seu tempo. Para um ser humano tornar-se schopenhaueriano deverá ele ter consciência de alguns deveres: esse assunto abordaremos na quinta secção.

Na sexta secção trataremos da questão nietzscheana que aposta numa sociedade que acredita em modelos superiores. Na sétima secção serão expostas algumas dificuldades que se apresentam a grandes gênios em reproduzir seus ideais para outros indivíduos. Por fim, na última secção mostraremos como, segundo Nietzsche, o Estado, com sua estruturação, não consegue incentivar o surgimento de novos indivíduos filosóficos.

Reflexões acerca da existência e do sentido da vida

O livro *Schopenhauer Educador* começa com uma breve discussão de Nietzsche acerca da existência e ao sentido da vida. Segundo Nietzsche, todo indivíduo tem consciência que só vai viver uma só vez; mas ao invés de seguir os seus desejos pessoais, o indivíduo toma para si os desejos da maioria, se tornando igual aos outros. A preguiça e o medo seriam os principais fatores que dificultariam o indivíduo ser o que ele realmente é.

Nietzsche acredita que todo indivíduo é responsável pela própria existência e conseqüentemente, deve cuidar de si próprio.

No fundo, todo homem sabe muito bem que só vai viver uma vez, que não é um caso único e que jamais o acaso, por mais caprichoso que seja, vai trazer à luz uma confusão tão bizarra de qualidades fundidas num só todo. Sabe disso, mas disfarça, como se tivesse má consciência. Por quê? Por medo do vizinho que exige ser conforme com o convencional e que ele próprio oculta. Mas o que é que obriga o homem a temer seu vizinho, a pensar e agir como ovelha de rebanho e não sentir prazer em ser ele próprio? Talvez o pudor, em alguns, muito raros. Na maioria é a indolência, o desleixo, em resumo, essa propensão à preguiça [...]. (NIETZSCHE, 2008, p.15).

Mesmo assim, o pensador acredita que o desencorajamento dos indivíduos para a vida, advém da falta de certezas no futuro, ou seja, o indivíduo vive o hoje, o agora. Desta forma

julga que o modo de vida apresentado na vida em sociedade, não satisfaz a construção do indivíduo.

Toda alma jovem ouve esse apelo, dia e noite, e estremece, pois, presente a medida de felicidade que lhe é destinada desde toda a eternidade, desde que sonha no que deve ser sua verdadeira emancipação; felicidade que ninguém vai ajudá-lo a conquistar enquanto permanecer nos grilhões da opinião corrente e do medo. (NIETZSCHE, 2008, p.16).

Nietzsche afirma que os indivíduos na sociedade de sua época são reflexos da mesma e, por isso, a forma como veem e encaram a vida não é necessariamente algo nascido desses indivíduos. A solução apresentada pelo filósofo pode ser comparada com os dias de hoje: o pensamento predominante dos indivíduos, não passa de um senso comum compartilhado pela sociedade. Assim cremos que Nietzsche se engana ao afirmar que o século XIX será conhecido pelo seu lado obscuro e vazio, além de afirmar que as construções presentes na mesma, não sobreviverão ao tempo. Não se confirma a afirmação do pensador de que as gerações posteriores à dele teriam pensamentos e ideais que os libertassem do senso comum.

Qual deverá ser a repugnância das gerações futuras quando tiverem de se ocupar com o que lhes tiver legado esse período, no qual aqueles que governavam não eram homens vivos, mas semblantes de homens, escravos da opinião pública! É por isso que nosso tempo deverá parecer talvez a uma distante posteridade como o século mais obscuro e mais desconhecido, porque o mais desumano da história. Quando percorro as ruas novas de nossas cidades, digo para mim que de todas essas casas que uma geração de conformistas construiu para si, nada mais vai sobrar talvez dentro de um século e então as opiniões desses construtores terão soçobrado também elas. (NIETZSCHE, 2008, p.16-17).

Nietzsche compreende que os indivíduos por si só não se libertarão do senso comum, logo, não realizarão a sua verdadeira essência. Porém, se um indivíduo consegue encontrar um mestre, um educador que passe todos os valores necessários para sua construção individual e o liberte das trevas, ele terá a capacidade de encontrar o seu verdadeiro Eu. No caso de Nietzsche, o seu mestre foi Arthur Schopenhauer. Neste sentido afirma:

Teus verdadeiros educadores, aqueles que vão te formar, vão te revelar aquilo que realmente é o sentido original e a substância fundamental de teu ser, aquilo que resiste a toda educação como a toda formação e, em todo caso, uma realidade dificilmente acessível, um feixe amarrado e rígido; teus educadores nada podem fazer por ti, a não ser tornar-se teus libertadores. (NIETZSCHE, 2008, p.19).

Sendo assim, todos nós temos diante de nossas próprias vidas uma responsabilidade irrenunciável; essa pode ser resumida através do seguinte questionamento: como educar a si mesmo para se tornar o que se é?

Necessidade de um mestre como educador

A segunda seção começa com afirmação de Nietzsche de que se um indivíduo encontrasse um filósofo que pudesse ser o seu educador, o ofício da educação lhe seria poupado. Antes de encontrar um filósofo que o influenciasse, Nietzsche começou a observar os homens modernos da sociedade em que vivia e percebeu os quão inferiores eram, se os comparasse com os homens da Grécia ou Roma antiga.

Outro aspecto que desanimava Nietzsche acerca da educação era o fato da Alemanha, naquele período, não possuir nem educadores, nem instituições preparadas para o ensino. Nietzsche alega que as instituições existentes estavam ultrapassadas no que diz respeito aos métodos utilizados para a educação.

A prática da ciência, quando não é dirigida e delimitada por um princípio superior de educação, mas desencadeada sem medida, em virtude dessa ideia de que quanto houver mais melhor, é certamente tão prejudicial aos sábios como o princípio do deixar-correr pode sê-lo para a moralidade de nações inteiras. (NIETZSCHE, 2008, p. 23).

A crítica de Nietzsche ao modo de se fazer ciência nas universidades, é uma realidade que perdura até os dias atuais. Muitas universidades patrocinam projetos de pesquisa nas áreas de ciências exatas e ciências da natureza não com o objetivo de ajudar a sociedade com as novas descobertas, mas mostrar para a mesma que a instituição investe nos seus alunos e os prepara para a vida profissional. A maioria dessas pesquisas possuem fins lucrativos às grandes empresas que financiam os projetos. Logo, o conhecimento obtido nessas pesquisas só será útil aos indivíduos que possuírem dinheiro para comprá-lo.

A *virtude* se tornara uma palavra sem significado. Nietzsche alerta para o fato que até mesmo os profissionais superiores do seu tempo não tinham capacidade para se tornarem educadores. Em meio a essa descrença, teve contato com os ensinamentos de Schopenhauer. O filósofo vê nos seus escritos ensinamentos que lhe proporcionam felicidade. Schopenhauer seria um educador coerente que possui sua própria maneira de ver e falar do mundo.

Schopenhauer, ao contrário, fala a si próprio ou, se assim quiser, supor para ele um ouvinte, que se imagine um filho instruído pelo pai, que se imagine de uma forma correta, rude e benevolente de se exprimir diante de um ouvinte que preste uma afetuosa atenção. Sentimos falta de semelhantes escritores. A facilidade vigorosa do discurso nos capta desde o primeiro tom de sua voz; é como ao penetrar numa floresta; respiramos profundamente e sentimos imediatamente um profundo bem-estar. (NIETZSCHE, 2008, p. 26).

O que mais Nietzsche admira em Schopenhauer é o modo como ele discorre sobre os assuntos. A sensação é que o discurso consegue fluir de forma mais eficiente.

O estilo de Schopenhauer me relembra às vezes um pouco aquele de Goethe, mas nenhum outro modelo alemão. De fato, ele sabe dizer de modo simples as coisas profundas, emocionar sem retórica e exprimir sem pedantismo as verdades estritamente científicas. (NIETZSCHE, 2008, p. 27).

Assim sendo, Nietzsche considera Schopenhauer um filósofo que possui várias virtudes. O fato de ele falar de ciência sem ser pedante e de falar de maneira coerente, jovial, faz dele um filósofo excepcional. Nietzsche acredita que muitos filósofos de sua geração tentaram ser como Schopenhauer, mas não souberam o limite de ser autênticos e alegres em seus textos. Uma alegria forçada, não desperta interesse ao leitor.

Francamente, temos vergonha de ter contemporâneos tão alegres que chegam a ser ridículos para a posteridade e para nossa época, bem como para nós que desta fazemos parte. Esses brincalhões não percebem até mesmo as dores e os monstros que pretendem ver e combater como pensadores; por isso sua alegria desperta o desprezo, porque é enganosa: procura nos persuadir que uma vitória foi conquistada. (NIETZSCHE, 2008, p. 28-29).

A impressão que Nietzsche possui dos escritos schopenhauerianos é diferente de tudo o que ele havia lido e conhecido até então. Schopenhauer foi o primeiro filósofo que fez se sentir bem, encontrando nele, pois, seu educador.

Pressenti que havia descoberto nele o educador filósofo longamente procurado. Sem dúvida havia sido por meio de um livro, o que é uma grande deficiência. Eu me esforçava sempre mais em procurar o que se ocultava nesse livro e que pudesse me apresentar o homem vivo do qual teria de ler seu testamento grandioso e que prometia só escolher como seus herdeiros aqueles que quisessem e pudessem ser mais que leitores: filhos e discípulos. (NIETZSCHE, 2008, p. 30).

Schopenhauer seria, pois, para Nietzsche, um grande educador. Mas, para o pensador, existem também na história do pensamento ocidental outros exemplos de verdadeiros educadores.

Exemplos educacionais na história do pensamento

Na terceira secção, Nietzsche descreve sua busca pelo filósofo ideal. Acredita que a influência dos filósofos sobre os indivíduos está relacionada com a filosofia que os mesmos exercem. Por exemplo, Kant formou professores de filosofia e o seu objeto de estudo em filosofia estava relacionado à educação.

Kant estava ligado à Universidade, submetido aos poderes públicos, guardava as aparências de uma fé religiosa, suportava viver entre colegas e estudantes; é natural, portanto que seu exemplo tenha produzido especialmente professores de filosofia e uma filosofia de professores. (NIETZSCHE, 2008, p. 31-32).

O músico Wagner, por exemplo, mostrou que “o gênio não pode temer entrar violentamente em conflito com as formas e as ordens existentes, se quiser manifestar à luz do dia a ordem superior e a verdade mais elevada que traz em si” (NIETZSCHE, 2008, p.32). Schopenhauer, ao contrário de Kant, seguiu os próprios instintos dentro da filosofia, o que para Nietzsche é *exemplar*, uma vez que ele estava, desta forma, abandonando a tradição da “filosofia pura”.

Um aspecto ressaltado por Nietzsche é que o verdadeiro gênio deve enfrentar a cultura da época. Ele cita como exemplo pessoas que não aceitaram a mesma como Schopenhauer, Beethoven e Goethe.

A consequência direta, por exemplo, de Goethe não seguir a cultura de sua época resultou em problemas que se refletiram na sua obra. Goethe tentou defender a essência da filosofia alemã de sua época, mas acabou sendo incompreendido; sua obra foi censurada e desprezada.

O perigo ameaçador de ver reduzir a nada sua grande obra unicamente como efeito da indiferença o mergulhou numa terrível ansiedade, difícil de dominar; nem um só partidário notável se fazia vivo. (NIETZSCHE, 2008, p. 34).

Goethe se viu, pois, só e incompreendido. Nietzsche mostra que o real problema de Goethe, que complicou a sua relação com o mundo, foi o fato dele não ter amigos. Para Nietzsche, a própria filosofia motiva à solidão do filósofo.

Quando temos verdadeiros amigos, ignoramos o que é verdadeiramente a solidão, mesmo que tivéssemos o mundo contra nós. Infelizmente percebo, contudo, que realmente se ignora o que é ver a solidão crescendo em torno de alguém. Em toda parte onde houve sociedades, autoridades, religiões, opiniões

públicas poderosas, em resumo, em toda parte onde houve uma tirania, ela perseguiu com seu ódio o filósofo solitário, pois, a filosofia oferece ao homem um asilo onde nenhuma tirania pode penetrar, o foro íntimo, o labirinto do coração; e é isso o que indis põe os tiranos. (NIETZSCHE, 2008, p. 35).

A linha de pensamento pessimista de Schopenhauer não foi aceita por todos. A sociedade o considerava estranho. Mas, segundo Nietzsche, filósofos como Schopenhauer

De tempos em tempos se vingam de sua dissimulação involuntária, da reserva que lhes é imposta. Saem de sua caverna com semblantes assustadores, suas palavras e seus atos são então outras tantas explosões e acontece que chegam a perecer por terem sido eles próprios. Foi assim que Schopenhauer viveu, perigosamente. (NIETZSCHE, 2008, p. 36).

Nietzsche considera esses filósofos os mais necessitados “de afeto, de companheiros com os quais possam se mostrar francos e simples como para consigo mesmos e cuja presença ponha fim ao aperto dolorido que lhes causam o silêncio e a dissimulação” (NIETZSCHE, 2008, p. 36).

Todo grande filósofo encontra a solidão. Além do risco de ficar só, o filósofo se depara com outro risco que pode modificar a sua vida: o desespero. Esse perigo é mais notável naqueles filósofos que decidem seguir o pensamento kantiano.

[...] Kant devia começar a exercer uma grande influência, nós o notaríamos logo sob a forma de ceticismo e de relativismo corrosivos e destrutivos; e é somente nos espíritos mais ativos e mais nobres, aqueles que não toleram viver na dúvida, que a dúvida daria lugar a essa subversão, a esse desespero em lugar de toda verdade, que foram, em Kleist, por exemplo, o efeito da filosofia kantiana. (NIETZSCHE, 2008, p. 37).

No caso de Schopenhauer, ele escolheu interpretar a existência dentro da cadeia de fatos em que estava situada. Segundo Nietzsche a interpretação da filosofia de Schopenhauer deve começar a partir da miséria, da indigência dos limites e do nada da existência humana no palco do mundo.

É assim que se deve sempre e em primeiro lugar interpretar a filosofia de Schopenhauer: de maneira individual, pelo indivíduo e para seu uso, a fim de que perceba sua própria miséria, sua indigência, seus limites e que nela descubra remédios e consolações, ou seja, a abnegação de si, a submissão às exigências mais nobres e primeiramente àquelas da justiça e da compaixão. (NIETZSCHE, 2008, p. 38).

Nietzsche escolhe Schopenhauer por ele dar prioridade em sua filosofia aos aspectos ligados à vida, à natureza, mesmo que em alguns momentos somente apresentasse questões trágicas.

Ele nos ensina a distinguir entre maneiras reais ou aparentes de trabalhar para a felicidade da humanidade e como nem a riqueza nem as honras nem o saber podem arrancar o homem da profunda melancolia que lhe causa o nada de sua existência. (NIETZSCHE, 2008, p. 38-39).

Na época de Nietzsche, a maioria dos filósofos estava preocupada com a ciência. Ao contrário de Schopenhauer, esses filósofos se preocupavam com o domínio da natureza em benefício próprio, chegando em alguns momentos a utilizar a natureza de maneira totalmente oposta a maneira que Schopenhauer defendia. Para Nietzsche, esses filósofos não apresentam uma educação exemplar para os indivíduos. Assim, Schopenhauer é identificado como um modelo:

[...] isso é o que permanece verdadeiro a despeito de todas essas cicatrizes e de todas essas manchas. Poderíamos até mesmo dizer que suas imperfeições e os traços demasiadamente humanos de seu caráter nos aproximam dele no sentido mais humano da palavra, pois, reconhecemos nele não somente a altura desdenhosa do gênio, mas também o homem sofredor e nosso companheiro de sofrimento. (NIETZSCHE, 2008, p.40).

Três perigos podem ameaçar a integridade de um indivíduo genial. O primeiro perigo refere-se à sua originalidade. Essa originalidade pode tornar o indivíduo preguiçoso, já que acredita que a sua originalidade é excepcional e não precisa lutar para alcançar os seus objetivos. Pensando assim, esse indivíduo acaba se tornando solitário. Para fugir dessa armadilha, Nietzsche sugere que o indivíduo leia filósofos como Schopenhauer.

O segundo perigo refere-se ao duplo sentido que os pensamentos do gênio podem seguir. Esses pensamentos “gostam de seguir o duplo sentido da dialética; se solta imprudentemente às rédeas a seu talento, poderá arriscar de deixar perder-se nele sua qualidade de homem e deixar-se reduzir a uma vida fantasmagórica de ‘ciência pura.’” (NIETZSCHE, 2008, p. 41).

O terceiro e último perigo refere-se ao esquecimento por parte do gênio do seu ideal e se torna, assim, inútil aos olhos da sociedade. Para Nietzsche “a originalidade de seu ser se tornou um átomo indivisível, incomunicável, uma pedra congelada” (NIETZSCHE, 2008, p. 41).

Além de ter que lidar com os perigos da própria vida, Nietzsche ainda tinha a preocupação de lidar com os perigos sociais de sua época. Assim, ele não pôde buscar o sentido da vida, sem comparar e observar os ideais de seu tempo com os valores dos seus antepassados. Um filósofo não pode ver o mundo apenas na parcialidade, ou melhor, a partir unicamente de seus pensamentos. Nietzsche afirma que o filósofo deve “avaliar exatamente sua época em comparação com outras e, uma vez que tiver por seu lado triunfado sobre o tempo presente, deverá triunfar também no quadro que faz da vida”. (NIETZSCHE, 2008, p. 42).

Nietzsche e os modelos de educação de seu tempo

Na quarta seção, Nietzsche mostra a partir dos fatos ocorridos na Alemanha de seu tempo e aplicando as ideias de Schopenhauer, que todos os indivíduos podem lutar contra o sistema vigente. Porém, ao mesmo tempo, ele não concorda com os fins estabelecidos pelo Estado. Nietzsche refere-se à cultura a qual está inserido como a responsável pelos acontecimentos, sejam eles bons ou ruins. Mesmo quando cita Rousseau e Goethe, o pensador ainda mostra maior sensibilidade e compreensão aos pensamentos de Schopenhauer. Nietzsche mostra que o homem schopenhaueriano não vive de ilusões, ele aceita a vida tal qual ela é.

O homem de Schopenhauer assume o sofrimento voluntário da sinceridade e esse sofrimento lhe serve para matar seu querer próprio e para preparar a inversão, a total conversão de seu ser, que é o verdadeiro objetivo e o sentido da vida. (NIETZSCHE, 2008, p.53).

Deveríamos ter o desejo de nos tornarmos um homem schopenhaueriano, pois, assim, a possibilidade de ignorarmos a nossa própria existência é quase nula. Mesmo diante de todas as dores e sofrimentos da vida, o grande educador deverá nos consolar. Assim, aprenderemos que “uma vida feliz é impossível; o que o homem pode realizar de mais elevado é uma vida heroica” (NIETZSCHE, 2008, p. 54).

Ao contrário do homem de sua época que não pensa em si próprio, o homem schopenhaueriano quer pertencer a si mesmo e por isso “tem necessidade no presente de descer até as profundezas da existência e pôr-lhe uma série de perguntas insólitas. Porque é que vivo? Que tenho de aprender da vida? Como me tornei o que sou e por que devo suportar o fato de

ser assim?” (NIETZSCHE, 2008, p. 55-56). Nietzsche descreve como devemos representar a vida de um homem heroico no sentido schopenhaueriano:

O homem heroico despreza seu bem-estar ou seu mal-estar, suas virtudes e seus vícios, e em geral a tendência de reconduzir tudo à sua própria medida; não espera mais nada de si mesmo e exige penetrar até o fundo desesperado de todas as coisas. Sua força reside no esquecimento de si e, se pensa em si, mede a distância que o separa de seu objetivo elevado e lhe parece perceber através de si e abaixo dele um miserável amontoado de detritos. Os pensadores antigos procuraram com todas as suas forças a felicidade e a verdade, e a máxima cruel da natureza quer que ninguém jamais encontre o que é obrigado a procurar. Mas aquele que procura despistar a mentira em todas as coisas e se oferece livremente à infelicidade provará talvez outra milagrosa decepção: verá aparecer-lhe uma realidade inefável, cuja felicidade e verdade não passam de fantasmas noturnos, a terra perderá seu peso, os acontecimentos e as potências terrestres não serão mais que sonhos, uma transfiguração semelhante àquela das tardes de verão se difundirá em torno dele. Ao visionário parecerá que acaba somente de despertar e, em tudo o que se passa em torno dele, não verá mais que as nuvens de um sonho que se esvai. Mas estas vão realmente se dissipar: então surgirá o dia. (NIETZSCHE, 2008, p. 57).

Assim sendo, mesmo descrevendo o tipo humano ideal presente no pensamento de Schopenhauer, Nietzsche pensa que isso exige novos deveres, estabelecendo, assim com o ideal, relações ativas e regulares.

Alguns deveres para se tornar schopenhaueriano

Na quinta secção, Nietzsche mostra que para o homem ser schopenhaueriano, deve ter uma consciência de deveres que terá. Esses deveres não têm a ver somente com o indivíduo, mas com a comunidade que partilha o mesmo pensamento fundamental, ou seja, com a cultura na qual o indivíduo está inserido. Nietzsche apresenta uma concepção de cultura mais aberta e dinâmica, diferentemente da cultura da sociedade moderna.

O mais difícil está a fazer: dizer como se deduz desse ideal um ciclo novo de deveres e como se pode estabelecer com um ideal tão inacessível relações ativas e regulares; em resumo, demonstrar que esse ideal exerce uma ação *educativa*. De outra forma, poderíamos acreditar que é somente a intuição benfazeja, realmente inebriante, que certos instantes nos concedem para nos mergulhar imediatamente numa desordem tanto maior, numa tristeza tanto mais profunda. (NIETZSCHE, 2008, p. 59).

O homem que vive conforme os preceitos de Schopenhauer corre riscos, pode ser excluído pelos outros indivíduos que convivem com o mesmo. Para não cair na solidão, passa,

assim, a seguir os preceitos da comunidade. Mas no seu íntimo percebe-se ligado a Schopenhauer.

Esse ou aquele talvez acabará por se afastar despeitado e se acostumará a viver segundo uma regra dupla, isto é, em contradição consigo mesmo, incerto num e noutro domínio e, por essa razão, mais fraco e mais estéril a cada dia que passa. Enquanto outro chegará até a renunciar sistematicamente a agir e se contentará a observar somente o que os outros fazem. É sempre perigoso exigir demais dos homens, quando se veem impotentes em *cumprir* qualquer dever; ocorre que as naturezas mais vigorosas se alquebrem com isso e as mais fracas e mais numerosas mergulhem numa preguiça contemplativa e acabem por perder, por desleixo, até mesmo essa própria contemplação. (NIETZSCHE, 2008, p. 60).

Assim sendo, reconhecido o tipo de ideal humano e tornando-se apaixonadamente atento, o indivíduo descobre um novo ciclo de deveres. Nietzsche chega assim novamente “à questão de saber se é possível entrar em relação como o grande ideal do homem de Schopenhauer por meio de uma atividade livre e regular” (NIETZSCHE, 2008, p. 65). O filósofo pensa que esses novos deveres não seriam deveres de um homem isolado; pelo contrário, eles nos introduzem numa comunidade com identidade própria a partir de um único pensamento fundamental, que no caso é a cultura. A cultura propõe aos indivíduos “uma única tarefa: preparar em nós e em torno de nós o surgimento do filósofo, do artista, do santo, e trabalhar assim para aperfeiçoar a natureza” (NIETZSCHE, 2008, p. 65). Segundo Nietzsche, os filósofos, os artistas e os santos deveriam assumir a prerrogativa de estabelecer novos valores, novas formas de vida e de pensamento.

A sociedade ideal

Na sexta secção, Nietzsche argumenta que o objetivo principal da sociedade é fazer com que os indivíduos apostem numa sociedade superior, ou seja, os indivíduos são responsáveis por tornar a sociedade tal como deve ser. Mas, o que se nota é que esses indivíduos são, em sua maioria, pobres espiritualmente. Por conta disso, eles acabam se adaptando e aceitando a cultura vigente. A cultura faz uso das fraquezas do indivíduo, convencendo-o a segui-la. Nietzsche critica o comerciante que necessita da cultura para o aumento do seu lucro.

Por isso o objetivo das instituições modernas de cultura deve ser levar cada um, na medida em que sua natureza permitir, a reproduzir o tipo “corrente”, a prepará-lo a extrair de seu grau de conhecimento e de saber a maior quantidade possível de felicidade e de lucro. O que se exige é que o indivíduo aprenda, com

a ajuda dessa cultura geral, a se conhecer em seu justo valor, para saber o que pode exigir da vida; e, para terminar, afirmar-se que existe uma aliança natural e necessária entre a “inteligência” e a “prosperidade”, a riqueza e a cultura, até mesmo que essa aliança é uma necessidade moral. (NIETZSCHE, 2008, p.71).

Nietzsche mostra, pois, que o comerciante não está interessado na felicidade dos indivíduos, mas no dinheiro. O pensador caracteriza esse comerciante como egoísta e mostra que a educação está diretamente relacionada ao consumo de bens, que no caso, ‘trazem’ a felicidade. O filósofo comenta que o Estado tende a controlar os desejos dos jovens, fornecendo uma cultura previamente estabelecida. Essa situação faz com que a *virtude* perca o seu real significado.

Em todos os países onde se fala hoje das ‘tarefas culturais do Estado’, vemos que se exige dele liberar as forças espirituais de uma geração na medida em que essas possam servir às instituições estabelecidas e lhe serem úteis. (NIETZSCHE, 2008, p. 72).

A falta de cultura em uma sociedade se deve a forma que essa cultura é financiada. Existe “o egoísmo dos negócios, o egoísmo do Estado e o egoísmo de todos aqueles que têm razões para se disfarçar e se abrigar sob uma ‘forma’.”. (NIETZSCHE, 2008, p. 76). Essas características influenciam no ideal de produção do gênio, que muitas vezes acaba sendo ignorado pela maioria.

Nietzsche volta a criticar o modo que a sociedade percebe a virtude e o saber e coloca em questão o fato do senso comum influenciar a cultura e o saber, tanto para o lado certo, como para o lado errado do entendimento. Critica também, o modo como a ciência é vista e estudada. Para ele, é notável que o método utilizado não satisfaz a ciência como um todo. As teses estudadas são artificiais, não contemplam o todo. O *instinto do verdadeiro*, para Nietzsche não representa o conhecimento prático.

Os instintos que impelem efetivamente os servidores da ciência só se desvelam claramente aos olhos não prevenidos e seria muito cômodo chegar enfim a examinar e dissecar os próprios sábios, depois que eles se acostumaram a apalpar ousadamente e a despedaçar tudo no mundo, até mesmo as coisas mais veneráveis. (NIETZSCHE, 2008, p. 77).

Para Nietzsche, o homem sábio “se compõe de uma rede emaranhada de instintos e de impulsos muito variados” (NIETZSCHE, 2008, p. 77), ou seja, ele é um homem que está aberto a novas descobertas e não segue regras pré-estabelecidas para isso. O homem sábio gosta da aventura, da oposição ao velho; ele busca o novo para dar sentido a sua vida.

Algumas dificuldades

Na sétima secção, Nietzsche comenta que os grandes gênios nem sempre conseguem reproduzir os seus ideais para outros indivíduos.

A natureza lança o filósofo no meio dos homens como se atira uma flecha, sem mirar; mas ela espera que a flecha irá atingir algum alvo. Nisso se engana inúmeras vezes e fica mortificada com isso. É pródiga tanto nesse campo da cultura como naquele das plantas e das sementes. Realiza seus desígnios por atacado e pesadamente, sacrificando forças em demasia. (NIETZSCHE, 2008, p. 88).

Nesse momento, Nietzsche cita Schopenhauer, que não conseguiu implantar nos indivíduos os ideais naturais; esses levariam o indivíduo a deixar de lado aspectos como o “progresso” e a “cultura” e dariam ênfase ao interior do ser.

Nada pode ser mais humilhante para um espírito honesto de nosso tempo do que ver que Schopenhauer tem a aparência de ter chegado ali por acaso e constatar quais são as potências e as impotências de que dependeu até agora para que sua ação tivesse sido truncada. De início e durante muito tempo é a falta de leitores que o prejudicou, para a duradora vergonha de nosso século literário; em seguida, quando os leitores se fizeram presentes, a incongruência daqueles que lhe renderam homenagens publicamente; mais ainda, ao que me parece, a indiferença pelos livros, comum a todos os homens desse tempo, firmemente decididos a não lhe dar maior importância; aos poucos foi acrescentando um novo perigo, o das numerosas tentativas que foram feitas para adaptar Schopenhauer a essa época fraca e para incorporá-lo a ela em doses mínimas, como uma especiaria estranha e sedutora, uma espécie de pimenta metafísica. (NIETZSCHE, 2008, p. 89).

Nietzsche chega à conclusão que o trabalho do filósofo Schopenhauer não atingiu uma grande parte de indivíduos por conta da falta de ideais presentes na sociedade.

Se, portanto, reconhecemos a falta de razão que reina em nossa época, seria realmente necessário refletir sobre os meios de encontrar algum remédio para isso; mas a tarefa consistirá em tornar Schopenhauer conhecido entre os espíritos livres e entre aqueles que sofrem profundamente com o tempo presente, em agrupá-los e produzir por meio deles uma corrente cuja força poderá vencer a inabilidade que a natureza habitualmente mostra, mesmo em nossos dias, na utilização do filósofo. (NIETZSCHE, 2008, p. 90).

Sendo assim, Nietzsche acredita que o filósofo pode evitar o *sufocamento* pela falta de razão. Um homem sábio pode realmente se tornar um homem na sua essência.

O estado e o surgimento de novos indivíduos filosóficos

Na oitava e última seção, Nietzsche mostra que a forma como o Estado moderno está estruturado, não permite o surgimento de indivíduos filósofos. Nietzsche considera filósofos fracos, aqueles que auxiliam o Estado, sem buscar a verdadeira filosofia. Os filósofos do tempo de Nietzsche estavam preocupados com a filosofia da ciência e tinham os seus estudos financiados por uma universidade pertencente ao Estado.

O patrocínio conferido à filosofia consiste, portanto, simplesmente no que em nossos dias o Estado permite pelo menos a alguns viver de sua filosofia e tirar dela seu ganha-pão, enquanto que os antigos sábios da Grécia, longe de serem subvencionados pelo Estado, eram pelo contrário honrados às vezes, como Zenon, com um louro de ouro e com um túmulo de cerâmica. (NIETZSCHE, 2008, p. 97).

O pensamento de Nietzsche acerca do financiamento do Estado no desenvolvimento do conhecimento é válido até hoje. O Estado financia as atividades de pesquisa e extensão das universidades, mas, em geral, a prioridade do financiamento é para os cursos relacionados as áreas de ciências da natureza e as ciências exatas. As próprias políticas públicas do governo brasileiro para as universidades, como o programa de intercâmbio *Ciência Sem Fronteiras*, só privilegia cursos que sirvam para melhorar o desenvolvimento tecnológico do país. Ora, Nietzsche acredita que o homem só se torna completo com uma educação que melhore o seu *ser* e torne os homens filósofos. Os poucos filósofos que ganham financiamento das universidades públicas, encontram limitações no desenvolvimento de suas pesquisas.

Acontece, com efeito, que o Estado tem medo da filosofia em si e é nesse caso que procura atrair para seu campo o maior número de filósofos que lhe conferirão a aparência de ter a filosofia de seu lado- porque em seu campo tem homens que protegem a filosofia e que não têm absolutamente nada de temível. (NIETZSCHE, 2008, p. 98).

Pela forma como se conduz os ensinamentos de filosofia nas universidades, os jovens não conseguem gostar da mesma. Nietzsche culpa o Estado por não dar o devido valor a filosofia e não permitir que seja ensinado da forma que os antigos filósofos faziam.

[...] quando sabemos a que martírio os estudantes devem se submeter no momento de seus exames de filosofia, para fazer entrar em seus pobres cérebros as ideias mais loucas e mais extravagantes, juntamente com as mais elevadas e mais abstrusas que o espírito humano produziu. Nunca ensinamos nas universidades o único método crítico e a única prova que podemos aplicar a uma filosofia, a que consiste em perguntar se podemos viver segundo os princípios

dela; nas universidades só ensinamos a crítica das palavras pelas palavras. (NIETZSCHE, 2008, p. 101).

Para Nietzsche, a forma como a ciência é tratada afasta os jovens da filosofia. A própria forma de avaliação desses jovens nas universidades contribui para isso. Ao fazer uma prova, o jovem só considera importante a superação da mesma. A parte que será utilizada desse conhecimento na vida é esquecida ou descartada. Infelizmente, esse método de avaliação perdura até os dias atuais. O próprio processo seletivo para o ingresso nas universidades é o reflexo da educação na sociedade. O aluno só se preocupa em aprender para o vestibular. Depois de superar o mesmo, a impressão que se tem é que os jovens nada aprenderam nas escolas e como consequência, as universidades têm grande evasão de alunos que iniciam os cursos mais não os continuam por não acompanharem o processo educacional.

[...] imaginemos um espírito juvenil, sem grande experiência da vida, no qual estão encerrados confusamente e lado a lado cinquenta sistemas reduzidos em formulas e cinquenta críticas desses mesmos sistemas que desordem, que barbárie, que derrisão em lugar de qualquer educação filosófica! Com efeito, todos estão de acordo em nada fazer em favor da educação filosófica e em se manter unicamente na preparação de um exame de filosofia cujo resultado é geralmente, como todos sabem que o candidato chegou ao fim de suas provas - e que provas! - confessa, soltando profundo suspiro: “Graças a Deus, não sou filósofo mas cristão e cidadão de meu país!”. (NIETZSCHE, 2008, p. 101-102).

Para Nietzsche, o Estado não quer que os seus indivíduos saibam lidar com a verdade, nem que desenvolvam pensamentos que entrem em conflito com os ideais do Estado. “O Estado nunca se preocupa com a verdade, a não ser com aquela que lhe útil”. (NIETZSCHE, 2008, p. 106).

Considerações Finais

Utilizando os ensinamentos de Schopenhauer, Nietzsche discorre na sua extemporânea *Schopenhauer Educador*, acerca do sistema educacional da sociedade de sua época, comparando-o com a forma de vida de cada indivíduo em relação ao sistema social na qual está inserido. Na visão de Nietzsche, a forma como os indivíduos se comportam são reflexos diretos dos ideais sociais impostos desde sempre.

Primeiramente vimos, em *Reflexões acerca da existência e do sentido da vida*, que Nietzsche acreditava que todo indivíduo sabe que só tem uma vida e por isso acaba anulando os seus ideais individuais para seguir os ideais coletivos. Para o filósofo, todos os indivíduos

são reflexos da sociedade, logo, o pensamento de cada indivíduo não passa do senso comum. Mas, se cada indivíduo encontrar um mestre que mostre os verdadeiros ideais na construção do indivíduo, ele se libertará.

Em seguida, em *Necessidade de um mestre como educador*, a partir da observação dos indivíduos de sua época, consideramos que Nietzsche via que a educação passada para a sociedade estava mais interessada no valor monetário do que no valor *virtuoso* para a vida. Por isso, acreditava que os professores não poderiam ser educadores. Nessa época, Nietzsche conheceu os escritos de Schopenhauer e os achou geniais. Ele afirma que Schopenhauer é um filósofo de virtudes, logo, um grande educador.

Em *Exemplos educacionais na história do pensamento*, vimos que na sua busca pelo filósofo ideal, Nietzsche percebeu que a filosofia que cada filósofo segue irá influenciar os indivíduos que o seguem. Na sua definição de gênio, Nietzsche afirmou que todos os gênios de sua época não seguiam a cultura vigente. Como consequência direta, esses gênios acabaram sendo incompreendidos pela sociedade. Esses filósofos gênios acabaram ficando sozinhos. A escolha de Nietzsche por Schopenhauer ser educador vem do fato dele priorizar em sua filosofia os aspectos ligados a vida. Em contrapartida de Schopenhauer, os filósofos da época de Nietzsche só se preocupavam em utilizar a natureza para benefício próprio. Nietzsche percebeu que todo filósofo tem problemas com originalidade, pensamentos que podem assumir um sentido diferente daquele que o filósofo quer seguir; e o pior de todos os perigos: seria o medo de se tornar inútil perante a sociedade. Para Nietzsche, o filósofo, também, não pode comparar os ideais de seu tempo com os ideais dos seus antepassados.

Na parte sobre *Nietzsche e os modelos de educação de seu tempo*, é possível ver que o filósofo culpava a cultura e o modelo do sistema, como os responsáveis pelos os acontecimentos em sociedade, seja eles bons ou ruins. Por isso, ao encontrar um educador como Schopenhauer, o indivíduo conseguiria consolar-se pela vida que leva. O homem schopenhaueriano se preocupa com o hoje, a forma que vive, não como viverá no futuro.

Em *Alguns deveres para se tornar schopenhaueriano*, vimos que Nietzsche falava dos deveres do homem schopenhaueriano. Ele acreditava que o homem schopenhaueriano deve ter consciência que pode ser excluído pela comunidade na qual está inserido.

Ao abordarmos *A sociedade ideal* expomos o seguinte: Nietzsche acreditava que a função principal da sociedade é fazer com que os indivíduos formem uma sociedade superior. Mas, os indivíduos formadores da sociedade, em geral, são pobres espiritualmente, logo, acabam aceitando a cultura vigente. Nietzsche também afirmava que muitos utilizam a cultura para aumentar e obter lucro, alegando que querem a felicidade dos indivíduos. O consumo de

bens é a forma de felicidade apresentada à sociedade. A própria produção de cultura é afetada. Se antes a produção cultural era considerada arte, ela passa a ser considerado produto. A ciência também é afetada com esse método de investimento do comerciante; ela passa a ser mais um produto.

Em *Algumas dificuldades*, vimos como Nietzsche mostra que nem todos os gênios conseguem passar os seus ideais para os outros indivíduos. Ele cita Schopenhauer, que não conseguiu atingir muitos seguidores. Nietzsche não culpa Schopenhauer por isso, mas a falta de ideais predominante na sociedade.

Por fim, na parte sobre *O estado e o surgimento de novos indivíduos filosóficos* mostramos como Nietzsche vê a estrutura do Estado moderno e porque esse não incentiva o surgimento de filósofos geniais. Os filósofos na época estavam preocupados com a ciência e a forma como o estado financiava os seus estudos. Nietzsche culpa o Estado pela forma como a filosofia é tratada nas Universidades, uma vez que a ensinam como se fosse uma ciência como as demais. Assim, conclui que o Estado não quer indivíduos pensantes.

ABSTRACT

In the following text we aim to present educational perspectives from Schopenhauer's philosophy as his disciple Nietzsche. When reading "The World as Will and Representation" Nietzsche came to admire the teachings of Schopenhauer. The text "Schopenhauer as Educator", belongs to the third extemporaneous account published in 1874, along as the second consideration of utility and disadvantage of history for life. In this extemporaneous Nietzsche discusses what a real education, from the teachings of Schopenhauer. Nietzsche believes that every individual should have a master to influence the education of yourself. In your case, this teacher was Arthur Schopenhauer. Nietzsche also criticizes the way the state acts and influences in education of the individual and the culture that surrounds it, as it believes that this will influence how an individual becomes and acts towards society.

Keywords: Nietzsche. Philosophy. Education.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche Educador**. São Paulo: Scipione, 2003.

FREZZATTI, W.A. Jr. **O duro caminho para tornar-se o que é**. In: AZEVEDO, V. D. (Org). Nietzsche: filosofia e educação. Ijuí: UNISUL, 2008.

NIETZSCHE, F.W. **Schopenhauer Educador**. São Paulo: Escala, 2008.

NIETZSCHE, F.W. **Werke in zwei Bände (Band II)**. Darmstadt: C.A . Koch's Verlag, s/d.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.